

Super Quarta: Entenda por que a guerra no Oriente Médio travou a queda dos juros e afetou as decisões de Fed e Copom

O Copom reduziu a taxa básica de juros da economia brasileira pela primeira vez desde maio de 2024

Por [Felipe Pjevac](#)

18/03/2026 às 20h | Atualizado em 18/03/2026 às 22h



A primeira “Super Quarta” de 2026 entregou ao mercado um cenário de extrema cautela, ditado não apenas pelos indicadores domésticos, mas pela instabilidade geopolítica global. **[O Comitê de Política Monetária \(Copom\) do Banco Central do Brasil iniciou o ciclo de flexibilização com uma redução de 0,25 ponto percentual, levando a Selic para 14,75% ao ano, enquanto o Federal Reserve \(Fed\) optou pela manutenção das taxas americanas entre 3,50% e 3,75%.](#)**

O movimento conjunto reflete o impacto direto da escalada do conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã, que alterou drasticamente as projeções de inflação e o custo das commodities energéticas em escala mundial.

[Acesse o canal da TMC no WhatsApp para ficar sempre informado das últimas notícias](#)

Para Alison Correia, analista de investimentos e co-fundador da Dom Investimentos, as pressões inflacionárias ganharam força com a alta do petróleo impulsionada pela guerra, tornando nula a chance de o Fed baixar juros ainda este ano.

O analista destaca que o cenário é preocupante devido ao descompasso entre a atividade econômica e a inflação nos EUA; embora a criação de vagas de trabalho tenha vindo fraca, o choque do petróleo impede o alívio nos preços, complicando a condução da política monetária americana de forma inédita.

No Brasil, a decisão do Copom foi marcada por um tom mais conservador do que o antecipado pelo mercado no início do ano. **Bruno Perri, economista-chefe e sócio-fundador da Forum Investimentos, avalia que o comitê foi enfático ao sinalizar preocupação com a inflação corrente e o ambiente internacional, deixando implícito que o ciclo de cortes pode até ser pausado caso haja uma deterioração adicional das expectativas.**

Segundo Perri, a próxima reunião deve manter o passo de 0,25 ponto, desde que o impacto dos preços dos combustíveis siga administrável pelo governo e não haja novos choques cambiais.

Rodolpho Sartori, economista da Austin Rating, pondera que, embora a agência tenha mantido a recomendação de um corte de 0,5 ponto percentual, o movimento de 0,25 adotado pelo Copom foi uma resposta direta à desancoragem das expectativas de inflação no último Boletim Focus. Sartori explica que a posição da Austin se baseava na forte desaceleração da atividade econômica doméstica, argumentando que a taxa de juros pouco pode fazer contra um choque bruto de oferta no petróleo.

Para o economista, a decisão mais parcimoniosa do Banco Central serviu como um recado de vigilância aos analistas que elevaram as projeções para **4,1%**, demonstrando que a autoridade monetária não permitirá que a inflação escape do controle diante das incertezas prospectivas da guerra.

Em relatório oficial, a Austin Rating revisou seu cenário básico para a Selic terminal de 2026, elevando a projeção de 11,50% para 12,50% ao ano, como reflexo da postura mais conservadora adotada pelo colegiado. A instituição destaca que o balanço de riscos se tornou “desconfortável” com o barril do petróleo atingindo **US\$ 100**, o que gera um potencial de contaminação de pelo menos **0,6 p.p.** no IPCA dos próximos 12 meses.

A influência do conflito no Oriente Médio foi o fator decisivo para que o mercado abandonasse a aposta em cortes mais agressivos, conforme explica Felipe Izac, sócio da Nexgen Capital. Ele pontua que, antes do início das hostilidades com o Irã, o consenso era de uma redução de 0,50 ponto percentual na Selic, mas o temor de impactos de longo prazo nos combustíveis forçou o Banco Central a adotar uma postura de “vão curto”.

Para Izac, a continuidade de um ambiente saudável para novos cortes depende fundamentalmente de uma melhora no cenário de guerra internacional e da estabilidade das questões fiscais brasileiras.

Ricardo Trevisan, CEO da Gravus Capital, reforça que a escolha pelo corte menor foi tecnicamente coerente, dado que o petróleo saltou para uma média de US\$ 103 por barril em poucas semanas. **“A mensagem da curva de juros é clara: o mercado não acredita em um ciclo agressivo, e a guerra no Oriente Médio, somada ao petróleo acima de US\$ 100, estreitou drasticamente o espaço para a flexibilização monetária”, analisa Trevisan.**

O executivo alerta que o investidor deve esquecer o cenário de Selic a 12% no fim do ano, projetando agora uma taxa terminal na casa de 14,20%, o que exige um posicionamento mais defensivo em renda fixa pós-fixada e títulos atrelados ao IPCA.

Rodrigo Rios, CEO da LR3 Investimentos, ressalta que o atual choque do petróleo atua como um freio de mão para os bancos centrais, transformando a Super Quarta em um evento focado na gestão de riscos e na manutenção da credibilidade. Segundo o executivo, o avanço da commodity, impulsionado por tensões geopolíticas, gera um efeito duplo que pressiona a inflação e reduz drasticamente a previsibilidade do crescimento econômico global.

Nesse cenário, tanto o Federal Reserve quanto o Copom são forçados a adotar uma postura de máxima prudência, evitando qualquer sinalização precipitada de flexibilização que possa comprometer a ancoragem das expectativas inflacionárias no longo prazo.

Na avaliação de Rios, a volatilidade dos mercados nas próximas semanas será ditada mais pelo tom dos comunicados do que pelas decisões de taxas em si, uma vez que o investidor estrangeiro tende a buscar refúgio em ativos seguros como o dólar em momentos de guerra. Ele enfatiza que, com o Brent operando em níveis elevados e o risco de interrupções logísticas no Oriente Médio, o espaço para discursos “suaves” desapareceu, restando aos investidores um ambiente de maior aversão ao risco.

Apesar do ambiente restritivo, há visões que vislumbram uma oportunidade futura caso as tensões cedam. **Lucas Sigu, sócio-fundador da Ciano Investimentos, acredita que, se o conflito arrefecer e o risco geopolítico for reduzido, o Brasil poderá atrair um volume relevante de capital estrangeiro para setores de infraestrutura e energia.**

No entanto, por enquanto, prevalece a cautela de Gustavo Silva, sócio-fundador da Private Investimentos, que destaca que a ameaça de greve dos caminhoneiros e a volatilidade do petróleo impõem serenidade aos próximos passos do Banco Central para garantir a convergência da inflação à meta.